

NA FALA DE NÓS NÃO SE USA NOSSO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO
POSSESSIVO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA COMUNIDADE BAIXIO/SÃO
JOSÉ DO PIAUÍ-PI

IN SPEECH OF US NOT USED OURS: A VARIATIONIST ANALYSIS OF THE
POSSESSIVE OF FIRST PERSON PLURAL AT COMMUNITY BAIXIO/SÃO JOSÉ DO
PIAUÍ-PI

Valdisneia Lucia de Sousa (UFPI)¹

Iveuta de Abreu Lopes (UESPI)²

Resumo: Neste trabalho, abordamos um fenômeno da fala de uma comunidade rural, trata-se da substituição do pronome *nosso* pela expressão *de nós*. Temos por teoria base a Sociolinguística Variacionista e objetivamos investigar o uso da expressão *de nós* na fala dos habitantes da comunidade de Baixio, a partir da identificação dos fatores que condicionam o uso dessa expressão, das variáveis linguísticas e sociais que condicionam esse uso, além da análise do contexto morfossintático em que os falantes da comunidade utilizam tal expressão. Realizamos uma pesquisa de campo, na qual fizemos gravações com 32 informantes, levando-se em consideração a faixa etária, a escolaridade e o gênero. Os resultados mostram que os falantes mais jovens, do gênero masculino e com escolaridade tendem a utilizar a expressão *de nós* mais que o possessivo *nosso* e mais ainda que a forma *da gente*. Quanto aos aspectos sintáticos, a função sintática é determinante para o uso das variantes, pois algumas funções sintáticas só podem ser exercidas por termos preposicionados, inibindo o uso do *nosso*. Quanto a anteposição e a posposição da variante ao elemento com o qual se relaciona, a variante *nosso* pode figurar nas duas posições, já as formas *de nós* e *da gente* podem aparecer apenas na posição posposta. Para a realização do trabalho, nos baseamos em autores como Monteiro (2000), Tarallo (2003), Naro (2004), Alkmim (2012), Camacho (2012, 2013), Labov (2008), Bagno (2017), Votre (2017) e outros.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Linguística; Língua e Sociedade.

Abstract: In this paper, we approach a phenomenon of the speech of a rural community, it is the substitution of the pronoun ours (*nosso*) by the expression of us (*de nós*). We have as base the Variationist Sociolinguistics theory and we aim to investigate the use of the expression of us (*de nós*) in the speech of the inhabitants of the community of Baixio, from the identification of the factors that condition the use of this expression, of the linguistic and social variables that condition its use, besides the analysis of the morphosyntactic

¹ Mestre em Letras, com área de concentração em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: neinha.lc.sousa@gmail.com

² Professora Doutora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: iveuta@uol.com.br

context in which the community speakers use this expression. We carried out a field research, in which we recorded with 32 informants, taking into consideration age, schooling and gender. The results show that younger male and literate speakers tend to use the expression of us (*de nós*) more than the possessive our (*nosso*) and even more than the form of us (*da gente*). As for the syntactic aspects, the syntactic function is determinant for the use of variants, since some syntactic functions can only be exerted by prepositional terms, inhibiting the use of ours (*nosso*). As regards the pre position and the postponement of the variant to the element which it relates, it has also proved decisive, while the variant our (*nosso*) may appear in the two positions, the uses of us (*de nós*) and of us (*da gente*) can only appear in the postponed position. In order to carry out the work, we are based on authors such as Monteiro (2000), Tarallo (2003), Naro (2004), Alkmim (2012), Camacho (2012, 2013), Labov (2008), Bagno 2017) and others.

Keywords: Sociolinguistics; Linguistic Variation; Language and Society.

1. Considerações iniciais

Estudos sociolinguísticos têm demonstrado que uma das características fundamentais das línguas naturais é a possibilidade delas variarem. Este trabalho aborda esse fenômeno linguístico e tem por objeto de estudo um aspecto peculiar presente na fala dos moradores de Baixio, uma pequena comunidade da cidade de São José do Piauí. Trata-se, pois, da presença da expressão *de nós* substituindo o possessivo de primeira pessoa do plural *nosso*.

Graças a Sociolinguística, sabemos que a variação linguística é ocasionada por fatores, em sua maioria de ordem social, assim, esse fenômeno não ocorre de modo arbitrário ou por vontade própria do falante, mas devido a fatores que podem ser próprios do sistema linguístico ou exteriores a este sistema. Assim, com relação ao fenômeno de variação aqui descrito, questionamos: diante das muitas possibilidades de expressar a noção de posse, que fatores motivam o uso da forma *de nós* em concorrência com *nosso* entre os moradores da comunidade Baixio em São José do Piauí-PI?

Objetivamos com esse estudo investigar o uso da expressão *de nós* na fala dos habitantes da comunidade de Baixio em São José do Piauí-Pi, tendo como objetivos específicos: investigar os fatores que condicionam o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* na variedade linguística utilizada pela comunidade; identificar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o uso da expressão *de nós* substituindo o possessivo *nosso* pelos moradores da comunidade; e analisar o contexto morfossintático em que os falantes da comunidade utilizam a expressão *de nós* em substituição ao possessivo *nosso*.

Constatamos que pesquisas que abordam a variação de pronomes centram-se em fenômenos de variação envolvendo o pronome *tu*, o pronome *teu* e o pronome *nós*, desse modo, a realização dessa pesquisa justifica-se, principalmente, por essa lacuna sobre a variação entre a expressão *de nós* e o pronome *nosso*.

2. A sociolinguística

Por muito tempo nos estudos linguísticos predominou o estudo da língua levando-se em consideração apenas os seus aspectos formais, “a linguística, ciência cujo objeto material é a descrição das línguas, nem sempre incluiu no seu escopo a preocupação com os aspectos de natureza social” (MONTEIRO, 2000, p. 13). Essa exclusão dos aspectos sociais nos estudos linguísticos iniciou-se desde Saussure, quando este estabeleceu a dicotomia língua e fala, e não sabendo lidar com os fatos próprios desta, por conta do seu caráter multiforme e heterogêneo, definiu a língua como objeto de estudo da linguística, objeto este concebido como um sistema regido por leis próprias e dotado de homogeneidade (MONTEIRO, 2000).

Ainda segundo Monteiro (2000, p. 14) “este princípio foi seguido pelo estruturalismo, intensificado pelos adeptos da glossemática e levado às últimas consequências pelo gerativismo”. Diante dessa situação e dos modelos existentes, alguns teóricos começaram a buscar outros caminhos, elaborando novos modelos teóricos que dessem conta de fatos reais da língua. Da inserção dessas novas teorias surgiu a Sociolinguística, termo que, fazendo referência a uma área dos estudos linguísticos, surge a primeira vez na década de 1950, mas se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov, bem como os de Gumperz e Dell Hymes e a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, de William Bright (CEZARIO e VOTRE, 2017).

Nesse movimento de se estabelecer uma teoria da heterogeneidade linguística um nome ganha destaque, o de William Labov.

Em 1963, Labov publica seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística [...]. Neste texto, o autor relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses [...]. Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês de New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação [...] (ALKMIM, 2012, p. 32).

Sobre o que deve estudar a Sociolinguística, Bright (1966 *apud* CAMACHO, 2013), à época do seu surgimento, diz que a tarefa da sociolinguística é analisar a relação da covariação sistemática entre língua e sociedade. Em Alkmim (2012, p. 33) encontramos uma definição mais detalhada sobre o papel da Sociolinguística, bem como do seu objeto de estudos:

Podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Com relação à *Sociolinguística no Brasil*, autores como Freitag (2016) e Paiva e Gomes (2016) atribuem a Anthony Julius Naro o desenvolvimento do interesse pela nova teoria em nosso país. Segundo Cezario e Votre (2017), na década de 1970 começaram a ser desenvolvidas pesquisas na linha da Sociolinguística Variacionista, por meio de grupos de pesquisadores. Os trabalhos tinham como objetivos descrever as formas variantes do português brasileiro e explicar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem as variantes linguísticas, mostrando assim a relação existente entre a complexidade social e a variação linguística. Outro ponto que tem despertado o interesse dos pesquisadores sociolinguistas é o que tem por objeto a relação entre a estigmatização linguística e a mobilidade social.

3. A variação linguística

Um dos fatos das línguas de interesse da Sociolinguística é a variação linguística, que se caracteriza pelas diferentes formas de se utilizar uma mesma língua. Labov (2008, p. 221) compartilha da ideia de que, na verdade, toda e qualquer língua é um conjunto de variedades, por isso trata a variação como algo intrínseco às línguas, ao afirmar que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa”. E que “a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais [...], a ausência de alternância estilística e de sistemas comunicativos multiestratificados é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG *apud* LABOV, 2008, p. 238).

Segundo Mollica (2017, p. 10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável [...]”. Assim, podemos depreender dessa afirmação o conceito de variável linguística e o de

variante, esta é cada uma das diferentes formas de se transmitir um mesmo conteúdo informativo, enquanto aquela é o conjunto de variantes (TARALLO, 2003). No caso do nosso estudo, então, temos como variável linguística o possessivo de primeira pessoa do plural *nosso*, e temos como variantes o possessivo *nosso* e a expressão *de nós* e a forma *da gente*.

A variação linguística pode ser ocasionada por diferentes fatores, e de acordo com estes se denomina os tipos de variação. Um desses tipos é a *Variação Diastrática*, também chamada de *variação social* ou *sociocultural*, que é a decorrente de fatores que estão relacionados aos falantes ou a comunidade na qual estão inseridos. Entende-se que a variação diastrática compreende as diferenças linguísticas presentes em um mesmo espaço territorial. Assim, são as diferenças linguísticas que ocorrem “no âmbito de uma comunidade específica localizada em uma mesma região geográfica, caracterizando o que se tem chamado de dialetos sociais ou socioletos” (MAIA, 2006, p. 158).

Outro tipo de variação é a *Variação Diafásica*, que se caracteriza pelo fato de que um mesmo falante nunca fala da mesma forma em todas as situações comunicativas. Esse tipo de variação faz surgir os diferentes níveis de formalidade ou registros em que um discurso pode se manifestar. E esse nível varia desde o coloquial até o formal, o que irá definir em que grau de formalidade um enunciado se encontra é a maior ou menor presença de formas cultas da língua. Acredita-se que “[...] não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico” (LABOV, 2008, p. 243).

A *Variação Diatópica* é a que decorre do espaço geográfico, compreende as diferenças linguísticas que ocorrem na língua de acordo com a região. Camacho (2012) afirma que esse tipo de variação decorre do fato de que quanto mais contato existe entre os falantes de uma língua, maiores serão as semelhanças linguísticas. Assim sendo, a variação diatópica resulta da semelhança entre os atos verbais dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade, já que é essa semelhança que faz surgir o dialeto de determinadas regiões. Além disso, geralmente, os indivíduos que pertencem a um mesmo território geográfico tendem a formar grupos isolados, onde alguns aspectos são usados como forma de identificação. Assim, a língua, que reflete os diferentes grupos sociais, é usada como uma forma de caracterização desses grupos, que compartilham muitos traços culturais, inclusive a língua.

4. O sistema pronominal do português brasileiro

Alguns estudos têm demonstrado que o sistema pronominal do português brasileiro mudou e vem mudando, ao longo do tempo, de modo que alguns elementos vão caindo em desuso, à medida que outros vão sendo incorporados. A gramática normativa aponta o seguinte quadro no que se refere aos pronomes pessoais do caso reto:

TABELA 01: Paradigma dos Pronomes Pessoais do Caso Reto do português

1ª Pessoa do Singular	do	Eu
2ª Pessoa do Singular	do	Tu
3ª Pessoa do Singular	do	Ele/Ela
1ª Pessoa do Plural		Nós
2ª Pessoa do Plural		Vós
3ª Pessoa do Plural		Eles/Elas

Fonte: Freitag e Lima (2010, p. 62)

Com relação as formas de 2ª pessoa, a forma do plural *vós* caiu em desuso, sendo substituída pela forma *vocês*, ocorrendo assim, uma mudança linguística. Já a forma *tu*, encontra-se em uma situação de concorrência com a forma inovadora *ocê*, o que caracteriza um fenômeno de variação (FREITAG e LIMA, 2010; CÂMARA JÚNIOR, 2005; LOPES, RUMEU e CARNEIRO, 2013; MENON, 1995). No caso da forma do singular, na maioria das vezes, ela é utilizada sem fazer a devida concordância com o verbo, pois “há casos de uso do pronome *tu* seguido do verbo sem a marca de segunda pessoa” (MENON, 1995, p. 6).

A inserção do *ocê* no quadro dos pronomes pessoais acarretou mudanças no quadro das formas acusativas, de acordo com Lopes, Rumeu e Carneiro (2013, p. 12, grifos do autor),

as formas *acusativas* de 2P desempenham a função de objeto direto. Na perspectiva tradicional de “uniformidade de tratamento”, o pronome original de 2P no caso acusativo seria apenas o clítico *te*. A partir da entrada de *ocê* no sistema pronominal há, no entanto, outras formas variantes no PB que assumem a função acusativa: [...] *te*, *ocê*, *lhe*, *o/a* e *zero*.

Com *você* como pronome pessoal, também houve mudanças no quadro das formas pronominais que desempenham a função dativa no português brasileiro, apagou-se o dativo de terceira pessoa – o *lhe* – além de se inserir sintagmas preposicionados, geralmente introduzidos pela preposição *para*. O *lhe* passou então a fazer referência à 2ª pessoa, tanto como dativo quanto acusativo. Ainda com relação ao dativo, há formas que se relacionam ao paradigma original de 2ª pessoa, é o caso do clítico *te* e sintagmas preposicionados com *ti*, e outras que estão associadas ao paradigma de *você*: clítico *lhe* e sintagmas preposicionados associados a *você* (*para você, a você, etc*) (LOPES, RUMEU e CARNEIRO, 2013).

Outra substituição que está em andamento é a que diz respeito a concorrência entre a forma da 1ª pessoa do plural *nós* com a forma *a gente*, resultado de uma gramaticalização do substantivo *gente*. A forma inovadora encontra-se tão suplantada no sistema pronominal do PB, que algumas gramáticas já até a apresentam, além do *nós*, como pronome pessoal da 1ª pessoa do plural, embora como a forma utilizada em situações coloquiais, o que não é bem verdade (FREITAG E LIMA, 2010).

A inserção do *a gente* no quadro do sistema pronominal do português brasileiro acabou acarretando alterações em outras “partes” do sistema, essa forma passou a funcionar como pronome possessivo, por exemplo, desempenhando a função de complemento ou adjunto. É o que nos mostra Ramos, Bezerra e Rocha (2009, p. 3, *grifos do autor*) ao dizer que investigam “o *encaixamento* da expressão *a gente* no subsistema dos pronomes pessoais – seja na função de sujeito, seja na de complemento ou de adjunto – e seu avanço em direção ao subsistema dos possessivos, em competição com *nosso/nossa*”.

Dessa forma,

a expressão pronominal *a gente* alarga seu domínio e passa a desempenhar outras funções que, embora até o momento ainda não se tenham mostrado tão produtivas quanto sua função primeira – a de sujeito –, já apresentam um número razoável de ocorrências. Assim, encontramos realizações de *a gente* em funções de não sujeito, tais como: complemento verbal (*nos > pra/a gente*), adjunto adverbial (*conosco > com a gente*), adjunto adnominal (*nosso/a > da gente*) (RAMOS, BEZERRA e ROCHA, p. 3, 2009, *grifos do autor*).

No que se refere aos pronomes objetos, Menon (1995, p. 8, *grifos do autor*) diz que

os

pronomes pessoais que exercem função de objeto são classificados como diretos e indiretos e tônicos ou átonos. Mesmo na gramática tradicional se percebeu que os pronomes átonos somente apresentam diferenciação na 3ª pessoa, em que há formas distintas para os objetos direto e indireto -

o(os)/lhe(s). Nas primeiras pessoas *me/te* são formas homônimas. Reconhece-se, há algum tempo, um declínio acentuado no uso do pronome objeto direto de 3ª pessoa, no PB. Costuma-se dizer que na "língua popular, descuidada" o objeto direto passou a ser expresso pelo pronome *ele*.

Com relação às mudanças/variações no quadro dos possessivos, Menon (1995, p. 12) diz que estes são "classificados como possessivos de 1ª, 2ª ou 3ª pessoa: *meu/nosso; teu/vosso; seu*". Ainda conforme a autora, com a inserção do *você(s)* no quadro dos pronomes do português brasileiro, o pronome *seu* passou a ser utilizado também como forma de 2ª pessoa, fazendo com que tenhamos dois pronomes para a 2ª pessoa – *teu/seu*.

Esse deslocamento do possessivo *seu* da 3ª para a 2ª pessoa faz com que o subsistema se rearranje novamente,

adotando como possessivas formas compostas da preposição *de* + os pronomes pessoais sujeito de 3ª pessoa: *dele(s)/dela(s)*. Conseqüentemente, o sistema pronominal se reestruturou, preenchendo os "vazios" criados pelo deslocamento do pronome *seu* para o paradigma de 2ª pessoa, ao mesmo tempo que desfez a antiga ambigüidade (ser idêntico para o singular e para o plural). Mais que isso, a *nova* forma de possessivo está se estendendo para as outras pessoas, em alguns dialetos: *de você(s)* parece ser já uma forma corrente, embora *de mim, de nós* sofram ainda restrições. (MENON, 1995, p. 12, *grifos do autor*)

Embora sofram restrições, formas como estas – *de mim* e *de nós* – podem ser encontradas na variedade linguística usada por determinadas comunidades, pois o fato delas não serem comuns nas variedades linguísticas mais prestigiadas não as impede de se fazerem presentes em dialetos isolados, como é o caso do *de nós* utilizado pelos moradores da comunidade Baixio.

5. Procedimentos da pesquisa

A pesquisa foi realizada em Baixio, uma pequena comunidade de São José do Piauí, que fica localizada a aproximadamente 02 quilômetros da sede do município, e a 38 quilômetros de Picos, que é considerada uma das mais desenvolvidas, socialmente e culturalmente, do Estado do Piauí. Segundo dados da Secretaria de Saúde da cidade de São José do Piauí-PI, o povoado Baixio é composto por cerca de 700 habitantes. Esses habitantes têm como principais meios de subsistência atividades relacionadas à agricultura e pecuária, e a pequenos pontos comerciais.

Foram entrevistados 32 desses habitantes, que são pessoas que nasceram e vivem na comunidade e que não se ausentaram de lá por período igual ou superior a 05 anos.

Nosso foco principal é as variáveis *faixa etária*, *escolaridade* e *gênero*, assim coletamos a fala de pessoas de ambos os gêneros, de diferentes faixas etárias, assim como com diferentes graus de escolaridade, fazendo o entrecruzamento entre esses três fatores.

A coleta dos dados foi feita a partir de gravações, utilizando o aplicativo gravador de voz, disponível para Android. Coletamos os dados em duas etapas, em um primeiro momento, procuramos gravar situações naturais de comunicação, conversas espontâneas do informante, a fim de alcançarmos a língua em seu modo mais natural possível. Pedimos ainda que os informantes relatassem histórias, fizessem narrativas, preferencialmente narrativas de experiências envolventes vivenciadas por eles, tendo em vista que o envolvimento emocional provoca um cuidado menor com a língua (TARALLO 2003; LABOV 2008). Depois, buscamos obter dados utilizando o método de entrevista, momento em que procuramos fazer perguntas que levassem os entrevistados a usar o pronome possessivo, como “*De quem é essa casa que vocês moram?*”.

Após a coleta do *Corpus*, procedemos na análise dos dados, para tal elegemos como categorias de análise: a ocorrência de *de nós* ocasionada em função da idade; a mesma ocorrência decorrente de fatores escolares; e ainda a presença da expressão na fala dos informantes em função do gênero. Analisamos os dados buscando ainda saber qual a função sintática exercida pela expressão, além disso, consideramos a anteposição e posposição da variante em relação ao elemento na oração ao qual ela está relacionada sintaticamente.

6. A expressão *de nós* na comunidade Baixio

Durante a coleta de dados, foi possível identificar não apenas duas formas de realização da noção de posse pela comunidade – pela expressão *de nós* e pelo possessivo *nosso* – que eram as formas mais evidentes, mas identificamos uma terceira pelo uso do *da gente*. Assim, analisando a forma como os moradores de Baixio realizam a noção de posse encontramos três variantes em concorrência: a expressão *de nós*, o possessivo *nosso* e a expressão *da gente*.

6.1. A expressão *de nós* e a variável faixa etária

Dentre os fatores que são considerados relevantes para um estudo sociolinguístico encontra-se a *faixa etária*. Isso porque,

o estudo da idade com relação à língua, particularmente o estudo da variação sociolinguística, repousa na intersecção de fase da vida e história.

O falante individual ou o grupo etário de falantes em qualquer dado momento representa simultaneamente um lugar na história e uma fase da vida. A estratificação etária das variáveis linguísticas, portanto, pode refletir a mudança na fala da comunidade à medida que ela se move através do tempo (mudança histórica) e a mudança na fala do indivíduo à medida que se move através da vida (progressão etária) (ECKERT, 2007, p. 151 apud BAGNO, 2017, p. 197).

Por esse motivo, levamos em consideração essa variável social em nosso estudo. E, no que diz respeito a faixa etária, chegamos aos seguintes dados:

TABELA 05: Distribuição das variantes pela variável faixa etária

Variante/Faixa Etária	16-25 anos	26-40 anos	41-59 anos	+60 anos
De nós	50%	50%	12,5%	25%
Nosso	37,5%	12,5%	0%	0%
Da gente	0%	0%	0%	12,5%
De nós/Nosso	0%	0%	25%	25%
De nós/Da gente	0%	25%	12,5%	12,5%
Nosso/Da gente	12,5%	12,5%	0%	25%
De nós/Nosso/Da gente	0%	0%	50%	0%

Fonte: de autoria nossa.

Como é possível ver, entre os informantes com idade entre 16 e 25 anos, a expressão *de nós* tem um uso mais amplo, em se comparando com as outras duas formas – *da gente* e *nosso* – já que é utilizada por metade dos informantes. Em um lugar que podemos ver em uma posição de competição com a expressão *de nós* encontramos o possessivo *nosso*, usado por 37,5% dos informantes. Além disso, entre os informantes dessa faixa etária, a forma *da gente* só aparece combinado com o *nosso*, 12,5 % utilizam *da gente* em concorrência com o *nosso*.

Quanto aos informantes com idade entre 26 e 40 anos, metade dos informantes também utilizam a expressão *de nós* para realização da noção de posse. O uso do possessivo *nosso* caiu em relação aos informantes da faixa etária anterior, apenas 12,5% dos informantes do grupo em questão utilizam essa variante. O uso do sintagma preposicionado *da gente* teve uma realização mais expressiva do que no grupo anteriormente descrito, embora, esse uso também se dê em relação de concorrência e

coocorrência com outras variantes, 12,5% dos informantes utilizam o *da gente* alternando com o *nosso*, e 25% o utilizam alternando com o *de nós*.

Em se comparando com as duas faixas etárias já apresentadas, entre os informantes com idade entre 41 e 59 anos, o uso do *de nós* é menor, apenas 12,5% dos informantes o utilizam. Por outro lado, não há usos do possessivo *nosso*, nem do sintagma preposicionado *da gente*, de modo isolado de outras formas, pois quem utiliza o possessivo *nosso*, 25% dos informantes, o utiliza alternando com a expressão *de nós*. Do mesmo modo, quem utiliza *da gente*, 12,5% dos entrevistados, utiliza também alternando com a expressão *de nós*. Constitui um número expressivo os informantes que utilizam as três formas de realização da noção de posse, 50% dos informantes utilizam tanto a expressão *de nós*, como o *da gente* e o possessivo *nosso*.

De todos os dados, os dos informantes que compõem a faixa etária mais alta são os mais diversificados. Há informantes que utilizam apenas a expressão *de nós*, 25% dos informantes. Já o *da gente* aparece sendo usado por 12,5% dos informantes, isso analisando o seu uso isolado das outras duas variantes. Já analisando os usos do pronome *nosso*, da expressão *de nós* e do *da gente*, alternando entre si, 25% dos informantes utilizam *nosso* alternando com o *da gente*. O *da gente* ainda aparece na fala de 12,5% dos informantes alternando com o *de nós*. E ainda alternando também com o *de nós*, temos o pronome *nosso*, que não aparece sendo usado de modo isolado, mas corresponde a 25% da amostra quando se trata de usos alternados.

Assim, no que diz respeito à variável *faixa etária*, chegamos a alguns pontos, que merecem ser elencados: quanto mais jovem o falante, mais a presença da expressão *de nós* é constante em sua variedade linguística – isso levando em consideração o uso da expressão isolada das outras duas variantes. Como vimos, dos falantes com idade entre 16 e 25 anos e dos com idade entre 26 e 40, 50% fazem uso da expressão *de nós*, número esse que cai para 12,5% entre os falantes com idade entre 41 e 59 anos, e para 25% entre os com idade superior a 60 anos.

Assim como a expressão *de nós*, o uso do pronome possessivo *nosso* é favorecido entre os falantes mais jovens, este aparece sendo utilizado de modo isolado das duas outras variantes entre os falantes com idade entre 16 e 25 e entre os com idade entre 26 e 40 anos. Entre os falantes das duas outras faixas etárias, o pronome *nosso* só aparece sendo usado alternando com a forma *da gente*, com a forma *de nós*, ou ainda com ambas. Esse fato pode indicar que está havendo uma mudança em progresso, em que o

pronome possessivo *nosso* está ganhando espaço na variedade linguística utilizada em Baixo.

A presença do *da gente* é a que é menos expressiva na variedade linguística utilizada pelos falantes de Baixo, geralmente, ele só aparece em situações em que o falante alterna entre ele e uma das duas outras formas – *de nós* ou o *nosso*. E, embora seja uma forma inovadora, só aparece sendo empregada de modo isolado das duas outras possibilidades de transmitir a noção de posse entre os falantes com idade acima de 60 anos.

Outro ponto que merece destaque é que, de modo isolado ou combinadas entre si, os falantes de Baixo têm 07 (sete) possibilidades de formas de expressão para transmitir a noção de posse. Os dados mostram que, quanto mais jovem, menos diversificados são os usos que eles fazem dessas combinações, ao passo que, quanto mais velhos, mais diversificados são essas formas. Os falantes com idade entre 16 e 25 anos utilizam 03 (três) das 07 (sete) possibilidades: eles utilizam *de nós*, *nosso* ou *da gente/nosso*. Os falantes com idade entre 26 e 40 anos e os com idade entre 41 e 59 anos utilizam 04 (quatro) possibilidades: os primeiros usam *de nós*, *nosso*, *da gente/nosso* ou *de nós/da gente*, já os segundos usam *de nós*, *de nós/nosso*, *de nós/da gente/nosso* ou *de nós/da gente*. Já o grupo de falantes idosos, com idade acima de 60 anos, utiliza 05 (cinco) das 07 (sete) possibilidades que eles têm para realizar a noção de posse: *de nós*, *de nós/nosso*, *da gente/nosso*, *da gente* e *de nós/da gente*.

Acreditamos que esse fato ocorra pelo fato de que os falantes mais velhos tiveram mais contato com outras pessoas de fora da comunidade e, conseqüentemente, mais contato com outras variedades linguísticas. Assim, esse contato possibilitou que esses falantes adquirissem uma variedade linguística mais diversificada que os falantes mais jovens. Fato que é, inclusive, enfatizado em Naro (2003), quando este afirma que o sistema linguístico do indivíduo muda ao longo do tempo, e que essa mudança é provocada por forças externas, principalmente os efeitos do mercado de trabalho.

Além disso, Labov (1964 *apud* CAMACHO, 2013, p. 76) afirma que a aquisição de uma variedade linguística prestigiada pode ser entendida como um processo de conformidade gradual do indivíduo com a modalidade de linguagem empregada por falantes adultos do mesmo grupo social. Tal processo se inicia com o “domínio do conjunto essencial das regras gramaticais e do léxico da modalidade falada, em que predomina a influência dos pais, e culmina com o domínio de uma diversidade consistente de registros, perfeitamente adequada às inúmeras situações de interação social”. Essa

afirmação serve para reforçar o que havíamos dito, os usos da expressão *de nós* vão diminuindo à medida que o falante vai dominando formas linguísticas que fazem parte de outras variedades linguísticas.

6.2. A expressão *de nós* e a variável gênero

Monteiro (2000) denomina de bioleto a variedade linguística que ocorre em função da idade ou de atributos biológicos do falante, o primeiro denomina-se etoleto, o segundo sexoleto. No que diz respeito ao segundo, o autor diz não ser difícil encontrar traços que diferenciam a forma como homens e mulheres utilizam a mesma língua, e fala a respeito de pesquisas sobre o inglês e o português que comprovaram, por exemplo, que as mulheres utilizam uma linguagem mais cuidada que a dos homens.

No entanto, as características que diferenciam a linguagem empregada pelos homens da empregada pelas mulheres podem ser provocadas por outros fatores que vão além do fator puramente biológico, pois é

pouco provável que o sexo como fator biológico seja causa das divergências que se costumam analisar. Ao que tudo indica, a linguagem feminina é diferente da masculina muito mais em função de fatores sociais do que de características puramente biológicas. Assim, por exemplo, se é verdade que as mulheres empregam com maior frequência as formas diminutivas, isto se deve a elementos de ordem cultural, já que as regras estabelecidas pela sociedade determinam que as mulheres sejam delicadas e meigas ou até submissas. Nada tem a ver, por conseguinte, com atributos de ordem biológica. (MONTEIRO, 2000, p. 46)

Dessa forma, o fator gênero demonstra ter influência na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres, passando a ser considerado importante para os estudos sociolinguísticos. Quanto ao fenômeno de variação presente na comunidade Baixio, chegamos aos seguintes dados:

TABELA 06: Distribuição das variantes pela variável Gênero

Variante/gênero	Masculino	Feminino
De nós	37,5%	31,25%
Nosso	18,75%	6,25%
Da gente	0%	6,25%
De nós/Nosso	6,25%	12,5%
De nós/Da gente	6,25%	18,75%
Nosso/Da gente	12,5%	12,5%

De nós/Nosso/Da gente	18,75%	12,5%
------------------------------	--------	-------

Fonte: de autoria nossa.

Confirmando a ideia de que, diante de formas que não fazem parte do que é tido como padrão/culto, os homens tendem a usar tais formas com mais frequência que as mulheres, os homens são responsáveis por um uso maior da expressão *de nós* para transmitir a noção de posse: cerca de 37,5% dos homens fazem uso da forma em questão, ao passo que no grupo constituído por mulheres, esse número cai para 31,25%.

Segundo estudos sociolinguísticos, no que concerne a inserção de formas novas em uma determinada língua, ou mesmo a substituição de uma variante por outra, o que caracteriza a mudança linguística, a variável gênero tende a desempenhar um importante papel, pois

no estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada [...], as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2017, p. 36)

Ainda segundo Paiva (2017), em alguns casos, é difícil estabelecer se as mulheres estão realmente indo em direção às formas prestigiadas e os homens às formas estigmatizadas, pois existem processos de variação/mudança linguística em que não se sabe precisar qual variante é prestigiada. Por exemplo, com a inserção do *da gente* no quadro dos possessivos não se pode precisar qual das variantes é mais prestigiada, se a inovadora ou o possessivo *nosso*. Mesmo assim, as mulheres tendem a usar a forma nova com mais frequência que os homens: 6,25% das mulheres fazem uso da forma *da gente*, enquanto que os falantes do gênero masculino não fazem uso sem que seja alternando com as duas outras variantes.

Ainda podemos notar que há uma diferença quanto ao número de falantes que fazem uso das três variantes – *nosso*, *da gente* e *de nós*. Cerca de 18,5% dos homens fazem uso das três variantes, ao passo que esse número cai para 12,5% entre as mulheres. Anteriormente, quando tratamos da variável faixa etária, fizemos uso de uma

afirmação de Naro (2004), segundo o qual, forças externas podem provocar mudanças no sistema linguístico de um indivíduo ao longo do tempo, sendo uma dessas forças os efeitos do mercado de trabalho. No caso de Baixio, as mulheres tendem a desempenhar menos funções relacionadas ao mercado de trabalho que os homens, logo, podemos acreditar que o fato de os dados mostrarem que os homens apresentam um número mais elevado de falantes que utilizam as três variantes pode ser reflexo das funções desempenhadas por eles, que são mais que no caso das mulheres.

6.3. A Expressão *de nós* e a Variável Escolaridade

Entre as variáveis extralinguísticas mais importantes para um estudo sociolinguístico está a variável escolaridade, isso porque “a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas” (VOTRE, 2017, p. 51). Bagno (2017, p. 114) alega a importância dessa variável afirmando que a escola é o “âmbito de uso que tem mais importância num processo de normatização linguística ou de substituição linguística, uma vez que o contato mantido pelo cidadão ali com a língua não é esporádico, mas prolongado e sistemático, além de institucionalizado”.

Uma das diferenças causadas pela escolaridade consiste no emprego de formas mais estigmatizadas por aqueles que não possuem escolarização ou a possuem em um baixo nível. Pelo menos no caso da sociedade brasileira,

as maiores diferenças na frequência de emprego das variantes linguísticas mais estigmatizadas se devem, antes de tudo, às diferenças no grau de escolarização dos indivíduos pesquisados. Ao contrário de outras sociedades em que a classe social, por exemplo, ou mesmo a etnia tem forte impacto sobre a variação linguística, independentemente da escolaridade do falante, no Brasil, em razão de sua formação histórica, é o acesso à educação formal que configura as principais diferenças no uso daquelas variantes (BAGNO, 2017, p. 114).

Além disso, a variável escolaridade não incide sobre todos os fenômenos de variação/mudança linguística. Votre (2017) apresenta algumas distinções importantes para compreender a correlação existente entre esses fenômenos e escolaridade, que são basicamente: distinção entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra; fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; fenômenos que são objeto de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola; e fenômenos situados no nível do discurso e os que se inserem no interior da gramática.

Outro fato importante, que é tratado por Bagno (2017), é o de que há ainda que se considerar que, no caso da sociedade brasileira, temos uma população que é pouco letrada, na qual também está inserido o próprio corpo docente, e dentro deste os professores do ensino de língua. Assim, a missão que era dada à escola no que diz respeito à educação linguística, que era a de transmitir, inculcar e preservar um padrão de prestígio, uma norma culta, não é cumprida no Brasil. É dessa forma que “muitas construções que, quarenta ou cinquenta anos atrás, seriam rejeitadas veementemente pelos docentes, hoje passam despercebidas, uma vez que constituem regras inovadoras já perfeitamente encaixadas na variedade falada tanto pelos aprendizes quanto pelos docentes” (BAGNO, 2017, p. 116).

Desse modo, quanto à escolaridade, vejamos:

TABELA 07: Distribuição das variantes pela variável Escolaridade

Variante/Escolaridade	Escolarizado	Não escolarizado
De nós	50%	25%
Nosso	37,5%	0%
Da gente	0%	12,5%
De nós/Nosso	0%	25%
De nós/Da gente	0%	12,5%
Nosso/Da gente	12,5%	25%
De nós/Nosso/Da gente	0%	0%

Fonte: de autoria nossa.

Como podemos ver na tabela, quanto aos usos das variantes pelos informantes escolarizados, o uso da expressão *de nós* se sobressai, 50% dos informantes entrevistados fazem uso dessa forma. Em seguida, vem a porcentagem de 37,5%, que corresponde aos informantes que utilizam o possessivo *nosso*. E por fim, temos o número referente aos informantes que utilizam tanto o possessivo *nosso* quanto a forma *da gente*, 12,5%.

Já com relação aos informantes com menor grau de escolarização, quanto ao uso da expressão *de nós*, eles apresentam um número menor, que corresponde à metade do número dos escolarizados, cerca de 25%. Os informantes não fazem uso do possessivo

nosso de modo isolado das duas outras variantes, ele só aparece sendo usado alternando com a expressão *de nós* (25%) ou com a forma *da gente* (25%). A variante *da gente* aparece sendo alternada com a expressão *de nós*, 12,5%, e sendo utilizada isoladamente das duas outras variantes, 12,5%.

Vemos assim que a escolaridade não inibe o uso da expressão *de nós*, o que pode ser explicado pelo que nos diz Votre (2017), de que nem todos os fenômenos de variação linguística são objeto de estudo e correção no ambiente escolar, assim, o fenômeno de variação que ocorre em Baixio não recebe atenção normativa da escola. Além de que, a escola tende a corrigir e condenar o uso de formas que são socialmente estigmatizadas. A concorrência entre o *de nós* e o *nosso* não é tão comum, nem mesmo nas variedades utilizadas por aqueles que possuem pouco prestígio social e econômico, de modo que se trata de uma forma que não recebe tanta ênfase negativa, passando, assim, despercebida pela avaliação escolar.

Além disso, durante a coleta de dados, soubemos que havia uma escola na comunidade, que do quadro de professores que atuavam na escola, apenas uma era de fora da comunidade e ainda que todos os informantes escolarizados estudaram nessa escola. Procuramos então encontrar ao menos uma das professoras da comunidade, e encontramos a INFORMANTE 17 que lecionou por quase 30 anos na escola de Baixio e, mesmo exercendo a função de professora, a expressão *de nós* faz parte do seu idioleto. Desse modo, vemos que, embora os informantes tenham frequentado a escola, os professores com os quais estes tinham contato também eram da comunidade que, possivelmente, assim como a INFORMANTE 17, também fazem uso da expressão. Assim, essa é uma evidência que corrobora a afirmação de que

hoje há um número significativo de professores que, certamente não dominam o padrão preconizado pela escola; decorrente dessa realidade linguístico social, existem hoje, no interior da escola brasileira, variantes dialetais não só usadas pelos alunos, mas também pelos professores [...] (MATTOS E SILVA, 1997, p. 53 *apud* BAGNO, 2017, p. 115).

Outro fato a se observar é que, embora apresentem um maior número de usos da variante *de nós*, os informantes escolarizados são os que mais fazem uso da forma considerada padrão, no caso o possessivo *nosso*. Entre os informantes escolarizados, o uso dessa variante corresponde a 37,5% dos usos, enquanto que entre os informantes não escolarizados, ele não é utilizado sem que seja alternando com as outras possibilidades. Fato que confirma a afirmativa de que, geralmente, formas linguísticas

consideradas prestigiadas figuram mais entre informantes escolarizados que entre aqueles que não possuem escolarização.

6.4. A expressão *de nós* e o contexto morfossintático

Neste estudo, além dos fatores de ordem social, também analisamos a influência de aspectos linguísticos na variação linguística aqui apresentada. Silva, V. (2017, p. 67) trata sobre a importância das variáveis internas para os estudos sociolinguísticos dizendo que,

[...] de início, os fenômenos escolhidos para análise pelos variacionistas, envolvendo principalmente diferenças de pronúncia, eram bem marcados socialmente. É certo ainda que, ao lado dos aspectos sociais, sempre se investigou a influência de variáveis [...] internas, isto é, de natureza linguística [...], mas a primazia dos fatores sociais tinha uma justificativa adicional: assinalava uma postura teórica oposta à idealização gerativista e mostrava o comportamento de um falante/ouvinte real, numa comunidade linguística longe de ser homogênea. Desenvolvia-se, assim, uma Sociolinguística precisa, rigorosa [...].

A autora ainda chama a atenção para o fato de que a inserção de fatores próprios do sistema da língua como relevantes para estudos sociolinguísticos não traz prejuízos no que tange os fatores de ordem social, pois não há perdas quanto a estes, mas ganhos com fatores internos mais bem elaborados (SILVA, V., 2017).

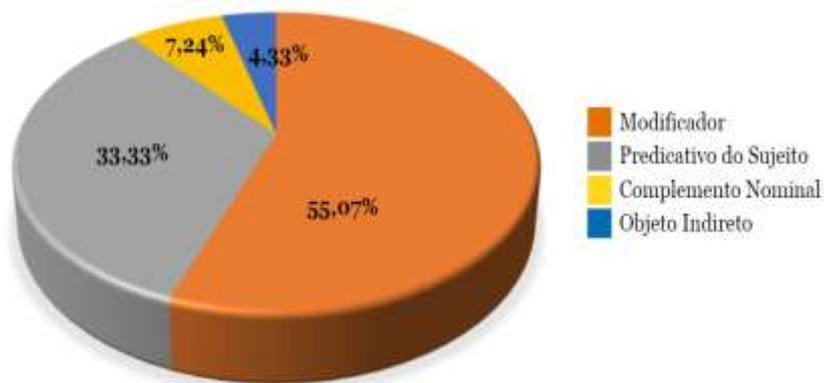
6.4.1. A Função Sintática

Dentre os fatores linguísticos que podem influenciar fenômenos de variação há aqueles que são mais salientes. De modo que “entre os grupos de fatores de natureza sintática que podem influenciar a realização de uma variável, podemos citar a função dos termos na oração” (OMENA e DUARTE, 2017, p. 83).

No que diz respeito a função sintática que a expressão *de nós* pode exercer, a mesma pode funcionar como: partitivo; complemento nominal; objeto indireto; modificador; ou ainda como predicativo do sujeito. Sendo que, quando a expressão é utilizada exercendo as três primeiras funções sintáticas, esta é aceita na norma padrão/culta e é utilizada, se não por todos, mas pela maioria dos falantes do português brasileiro. Dessa forma, compreendemos que o motivo do uso da expressão ser tomado como um fenômeno de variação linguística não é apenas o seu uso, mas o fato da mesma ser usada exercendo a função de modificador ou predicativo do sujeito, fato que foge à norma padrão/culta e ocorre na fala de poucos falantes, se tornando uma marca dos que a usam.

Quanto às funções sintáticas exercidas pelo *de nós*, chegamos aos seguintes números:

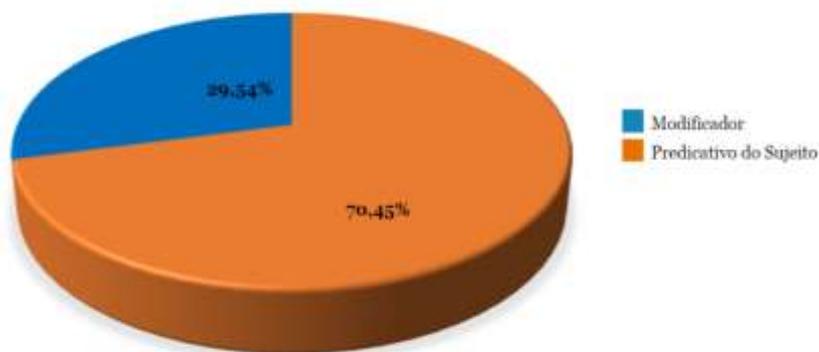
FIGURA 09: Realizações da variante *de nós* em relação à função sintática



Fonte: de autoria nossa.

Como é possível ver no gráfico, o uso da variante *de nós* é favorecido na função de modificador, de todas as realizações em que a expressão aparece, 55,07% foi exercendo essa função. Depois, seguem-se as funções de predicativo do sujeito com 33,33%, a de complemento nominal (7,24%) e, por fim, a de objeto indireto (4,33%). Dessa forma, a expressão *de nós* é utilizada mais frequentemente para exercer justamente as funções sintáticas que fazem com que este uso se torne um fenômeno de variação linguística, fato este que corrobora com a afirmação de que “em relação à função sintática, a própria função que as variantes desempenham na oração pode influenciar a realização de uma variável” (OMENA e DUARTE, 2017, p. 81).

FIGURA 10: Realizações da variante *nosso* em relação a função sintática

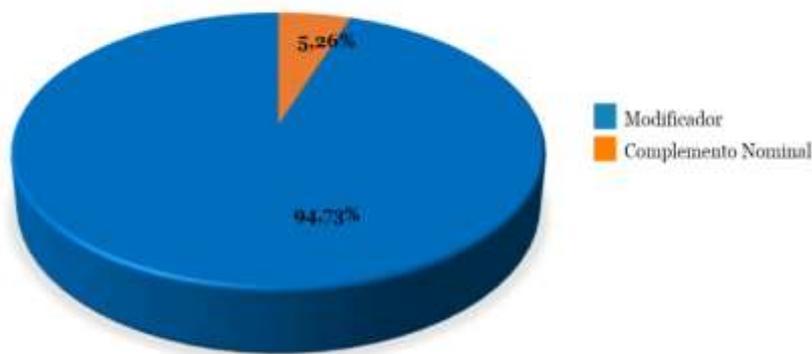


Fonte: de autoria nossa.

No que diz respeito ao possessivo *nosso*, como é possível observar no gráfico, o seu uso também é favorecido pela função sintática de modificador, de todas as realizações de noção de posse utilizando o pronome *nosso*, em cerca de 70,45% este desempenha a função sintática de modificador e 29,54% a função de predicativo do sujeito.

Já com relação ao *da gente*, obtivemos os seguintes números:

FIGURA 11: Realizações da variante *da gente* em relação a função sintática



Fonte: de autoria nossa.

Assim como ocorreu com as duas outras variantes, a função de modificador é favorecida quanto ao uso da forma linguística *da gente* para transmitir a noção de posse. Neste caso, a função de modificador corresponde a 94,73% dos usos da expressão *da gente* e a função de complemento nominal a 5,26%.

Observamos que enquanto a variante *de nós* aparece exercendo 04 (cinco) das 05 (cinco) funções sintáticas que ela pode exercer – modificador, predicativo do sujeito, complemento nominal e objeto indireto – as outras duas variantes exercem apenas 02 (duas): o *nosso* aparece exercendo a função de modificador e de predicativo do sujeito e o *da gente* com a função de modificador e de complemento nominal. Assim, esses dados nos mostram que, em se tratando da variedade linguística que os moradores de Baixio utilizam, a expressão *de nós* oferece um quadro de funções sintáticas muito mais diversificado que o das outras duas variantes.

Devemos nos atentar ao fato de que algumas funções sintáticas exigem o uso da preposição e outras não. Bechara (2004) ao falar sobre o complemento nominal, por exemplo, cita alguns aspectos que o diferenciam do adjunto adnominal (modificador), sendo que um desses aspectos trata-se do fato de que na introdução do complemento nominal a preposição é obrigatória, enquanto que na introdução do adjunto não.

Assim, devemos levar em consideração esse fato, pois em uma função sintática preposicionada, o possessivo *nosso* não tem como preencher esse espaço, por ser um elemento que é utilizado para exercer funções não preposicionadas, fazendo com que as duas outras variantes ganhem mais espaço que o pronome *nosso*. Vejamos a seguinte sentença proferida pelo INFORMANTE 03:

1. *E essa cachorrinha atrás de nós.*

Em uma sentença como essa, em que a expressão *de nós* exerce a função de complemento nominal, a mesma poderia ser substituída pelo forma *da gente*, sem que o seu sentido se perdesse: *E essa cachorrinha atrás da gente*. No entanto, não há a possibilidade de trocar a forma linguística *de nós* pelo possessivo *nosso*, pois o resultado seria uma sentença agramatical do tipo: *E essa cachorrinha atrás nossa**.

Dessa forma, compreendemos o porquê de o quadro de funções sintáticas que a expressão *de nós* exerce ser mais diversificado que o possessivo *nosso*. Enquanto aquela pode ocupar funções sintáticas preposicionadas e não preposicionadas, esse só pode figurar exercendo funções em que o uso da preposição não seja necessário. De modo que algumas funções sintáticas inibem o uso do possessivo *nosso*, ao passo que não inibem o uso da expressão *de nós*.

6.4.2. A Anteposição e a Posposição

Segundo Bechara (2004), a sintaxe de colocação ou de ordem é uma área que trata sobre a maneira que os elementos estão dispostos dentro da oração e as orações dentro do período. Ainda segundo o autor,

a colocação, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. A maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional (BECHARA, 2004, p. 581).

Desse modo, embora existam casos que permitam uma certa mobilidade na forma de organização, sabemos que os falantes de uma determinada língua organizam os elementos constituintes de uma oração não do modo que eles bem desejam, mas de acordo com as normas próprias do sistema linguístico.

Ainda sobre o modo de organização dos constituintes de uma oração, Camacho (2013, p. 221) diz que “certas línguas tendem a colocar rigidamente elementos modificadores ou delimitadores antes dos elementos modificados ou delimitados, enquanto outras fazem exatamente o contrário com a mesma rigidez”. Em se tratando da

língua portuguesa, “o português segue a tendência tipológica geral das línguas preposicionais para colocar o modificado antes do modificador” (CAMACHO, 2013, p. 221).

Ainda sobre a língua portuguesa, é possível citar alguns casos de colocação que são mais comuns, entre os quais, a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo (BECHARA, 2004). A partir dessa afirmação, temos noção de que, no caso do fenômeno de variação linguística presente na comunidade Baixio, as variantes *de nós* e *da gente* só aparecem sendo utilizada pospostas ao elemento a que elas estão relacionadas, já que se trata de sintagmas preposicionados. Já o pronome *nosso* pode figurar tanto em uma posição de anteposição, quanto de posposição ao elemento ao qual mantém relação sintática. Fato este que é confirmado pelos dados coletados na comunidade Baixio, vejamos:

Tabela 05: Realizações de *de nós*, *nosso* e *da gente* na variável anteposição x posposição

Posição	De Nós	Nosso	Da Gente
Anteposta	0%	34,09%	0%
Posposta	100%	65,90%	100

Fonte: de autoria nossa.

Como é possível ver na tabela I, nos dados coletados na comunidade Baixio, todas as sentenças em que os informantes fizeram uso da variante *de nós* ou da variante *da gente*, elas apareceram em uma posição posposta ao substantivo ao qual estavam relacionadas, como nas frases a seguir:

2. *Aqui em casa, abasta vim um dos netos de nós... aí já traz outros.*
3. *Tem um monte de histórias para contar, mas o nascimento dos filhos da gente é o que marca mais.*

Como já dito, em todas as sentenças, as formas linguísticas *de nós* e *da gente* aparecem sempre pospostas ao elemento ao qual estão ligadas: na sentença 2, a variante *de nós* está relacionada ao elemento *netos*; na sentença 3, o *da gente* está relacionada ao elemento *filhos*.

Já no caso do possessivo *nosso*, ele tanto aparece em uma posição anteposta ao elemento ao qual está relacionado, como em uma posição posposta. Vejamos:

4. *Aí tinha um irmão meu mais velho, que nossa! Esse era o nosso pai mesmo, porque se ele dissesse “daqui pra dentro”, nós não saia pra fora não.*
5. *Não, porque têm uns parentes nosso que passou pra cá e disse que tinha um carro, e pelas informação disse que era um carro assim, e eu pensava que era esse.*

Como dissemos anteriormente, o pronome *nosso* pode figurar tanto em uma posição anteposta, quanto em uma posposta ao elemento ao qual mantém uma relação sintática: na sentença 8, o possessivo está relacionado ao elemento *pai*, aparecendo anteposto a este elemento; já na sentença 9, o pronome aparece posposto ao elemento *parentes*.

7. Considerações finais

Estudos acerca de fenômenos de variação linguística envolvendo o sistema pronominal do português brasileiro têm se mostrado bastante produtivos, à medida que esse tipo de variação é observado em todo o território nacional, ora envolvendo um determinado pronome, ora envolvendo outro. No entanto, não encontramos pesquisas que focassem a variação linguística que envolvesse o pronome possessivo *nosso* e a forma preposicionada *de nós*. Dessa forma, aqui, nos dedicamos a estudar um fenômeno de variação que ocorre na comunidade Baixio e que envolve tais variantes.

A análise dos dados nos permitiu chegar a alguns resultados, a concorrência quanto a noção de posse transmitida pelo possessivo de primeira pessoa do plural, no que diz respeito a variedade linguística utilizada pelos moradores de Baixio, se dá não apenas entre o pronome *nosso* e a expressão *de nós*, mas entre três variantes: o possessivo *nosso*, a expressão *de nós* e a forma *da gente*. Sendo que a expressão *de nós* se sobressai em relação as duas outras variantes.

Quanto aos aspectos sociais, o uso da expressão *de nós* é favorecido entre falantes das faixas etárias mais jovens, quanto mais jovem, mais uso se faz da expressão. Esse mesmo uso é favorecido entre os homens e entre os informantes com escolaridade.

Já no que diz respeito às variáveis linguísticas, a variante *de nós* é usada exercendo mais funções sintáticas que as outras duas, isso porque existe função sintática que só pode ser exercida por elementos preposicionados. Além disso, as variantes *de nós* e *da gente* só podem aparecer em posição posposta, ao passo que o possessivo *nosso* é usado tanto em posição posposta, como em posição anteposta.

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CEZÁRIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*: Campinas, v. 58, n. 3, 2016.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. *Sociolinguística*. São Cristóvão: CESAD, 2010. Disponível em: <http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/upload/Catalago/18534216022012Sociolinguistica_Aula_1.pdf>. Acesso em: 26 Dez. 2018.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 15 Número Especial: 191-216. 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/LopesRumeuCarneiro2012Gelne.pdf.pdf>. Acesso em: 26 Dez. 2018.
- MAIA, Marcus. *Manual de linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=646vol15vias04web-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 9 de out. 2015.
- MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995. Disponível em: <<file:///E:/Downloads/19069-67491-1-PB.pdf>>. Acesso em: 26 Dez. 2018.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OMENA, Nelize Pires de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PAIVA, Maria da Conceição de; GOMES, Christina Abreu. Grupo PEUL: passado, presente e futuro de uma agenda de pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 58, n. 3, 2016. Disponível em: < file:///E:/Downloads/8647614-24756-1-PB.pdf >. Acesso em 26 Abr. 2018.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável sexo/gênero. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fátima Sopas. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/agente no português do Maranhão. *Signum*, Londrina, v.12, n. 1, p. 279-292, 2009. Disponível em: < file:///E:/Downloads/4245-17986-1-PB.pdf >. Acesso em: 16 Mai. 2018.

SILVA V., Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

Recebido em: 06 de junho de 2019

Aceito em: 20 de novembro de 2019

Publicado em: dezembro de 2019